

# **A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos<sup>1</sup>**

*The construction of homosexuality during life  
time before recollections of old gay men*

**Murilo Peixoto da Mota**

*Sociólogo,*

*Doutor em Serviço Social,*

*Membro do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas*

*em Direitos Humanos da UFRJ.*

*murilomota@nepp-dh.ufrj.br*

**10**

## Resumo

Este artigo analisa as dimensões sociosexuais relacionadas à homossexualidade e ao envelhecimento de homens com mais de sessenta anos, de camadas médias e moradores da cidade do Rio de Janeiro. A partir de quinze entrevistas, são analisadas as trajetórias da vida desses sujeitos, enfocando-se as expressões de ser gay e a experiência de envelhecer. Com base no aporte teórico da perspectiva da construção social para a reflexão sobre a sexualidade e o envelhecimento no espaço social, esta pesquisa reflete sobre a agência desses indivíduos, a carreira homossexual, as lembranças que demarcam essa geração, os vínculos afetivos, as atividades cotidianas, as sociabilidades e as práticas sexuais que revelam um circuito gay caracterizado pela *valorização da vida jovem e pelo individualismo*. *Diante do estigma de ser gay e velho, examina-se como são as experiências relacionais e quais estilos de vida são construídos e experimentados por esses homens.*

Palavra-chave: Homossexualidade. Envelhecimento. Masculinidade.

## Abstract

This article examines the social and sexual dimensions related to homosexuality and men aging over the sixty years, middle class and residents of Rio de Janeiro city. From fifteen interviews, the lives trajectories of these subjects are analyzed focusing on the expressions of being gay and the experience of getting older. Based on the theoretical contribution of authors who reflect on sexuality and aging in the social space, from the perspective of social construction, this research reflects on agency of individuals, the homosexual career, memories that mark their generation, affective ties, the everyday activities, sexual practices and the sociability that reveal a gay circuit characterized by the appreciation of the young life and individualism. Due to the stigma of being gay and old, we have to answer how these relational experiences are and what lifestyles are constructed and experienced by these men.

Key-words: Homosexuality. Ageing. Masculinity.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de minha tese de doutorado – “Homossexualidades masculinas e a experiência de envelhecer” – defendida em outubro de 2011 pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ.

## Introdução

Este artigo busca sintetizar as narrativas que circunscreveram uma pesquisa realizada entre os anos de 2009 e outubro de 2011 com quinze homens gays, com sessenta anos ou mais, de camadas médias e moradores da cidade do Rio de Janeiro. As análises sobre as relações homossexuais no contexto do envelhecimento são dimensões ainda pouco estudadas pelas ciências sociais. Neste sentido, as contribuições dessa discussão possibilitam ampliar o debate acerca da carreira homossexual no âmbito da perspectiva geracional e das relações de gênero, fomentando a luta contra a homofobia e pela diversidade sexual

Inicialmente, vale mencionar apenas que o fenômeno idade, como responsável por um conjunto de imagens e representações, revela noções de valor ao longo do curso da vida que ganham complexidade no âmbito do debate sobre o envelhecimento. A idade está envolvida em mitos, na ideia de representação cronológica de um indivíduo e sua biografia, numa referência biológica para o que simboliza ser velho. Há toda uma discussão que abarca amplo processo de análise a respeito da idade como uma alusão demarcadora das circunstâncias históricas e culturais para o indivíduo moderno. O próprio sentido do que hoje se denomina *terceira idade* vem a reboque do princípio que requer a compreensão da velhice dentro de um leque de possibilidades que buscam valorizar e integrar as mesmas oportunidades ofertadas à juventude, mas levando-se em conta as limitações e necessidades do idoso como agente no espaço social (ALVES, 2004; DEBERT, 2004).

Todavia, saliento que ter sessenta anos ou mais é um marcador importante que explicita a urgência da implementação de uma série de políticas públicas de direitos sociais para os idosos como obrigação do Estado, das quais o Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003) é exemplo. Porém, nem por isso se pode pensar essa fase da vida unicamente atribuindo-lhe uma homogeneização e unificação de condutas que caracterizam o indivíduo como velho (DEBERT, 2004). A idade expressa uma representação social e deve ser contextualizada para a análise do processo de envelhecimento como um todo. Assim, devo afirmar que a idade fundamenta ordenamentos e costumes a partir de uma necessidade lógica de classificação. Como escreve Bourdieu (1987, p. 19), os sujeitos não se distinguem “visando encobrir ou justificar as relações que mantêm entre si; mas por uma necessidade lógica que também os leva a pensar em sua existência em termos de grupamentos e divisões”.

Acrescento o fato de os sujeitos em referência serem de camadas médias como delimitação dos indivíduos envolvidos neste estudo. A partir das considerações de Barros (1987), levo em conta que tais camadas demarcam um meio de vida heterogêneo, espelham impessoalidade, relações hierárquicas e estilos de vida. Os entrevistados foram ocupantes de cargos comissionados em grandes empresas, ex-funcionários públicos e profissionais liberais. Trata-se, assim, de perfis caracterizados pela alta escolaridade. Essa referência a camadas médias não se restringe ao debate sobre classe social como expressão sintética. A ideia de camada acentua a referência simbólica no contexto de estilos de vida dos indivíduos, que podem partilhar com o grupo certas características sociais e culturais, mas não somente como correlações de forças econômicas (BOURDIEU, 1983). Essa reflexão permite ampliar a análise sobre a sociedade brasileira devido à grande heterogeneidade social e às consequências da forte hierarquização das relações existentes, fato que explicita o quanto os valores implicados pelos modos de vida passaram a ser mais importantes do que a situação de classe (PEIXOTO, 2000).

Há que se levar em conta o fato de que a demarcação entre juventude e velhice tornou-se ícone simbólico da sociedade moderna, na qual, segundo Elias (2001), os velhos não são aqueles que suscitam o desejo de identificação. Nessa perspectiva, esse autor ressalta que os anos de decadência acentuados pela velhice são penosos. De todo modo, é no contexto da velhice que a fragilidade dos indivíduos expõe a dificuldade para lidar com as dimensões que articulam a degeneração do corpo e as experiências da vida. No entanto, a velhice apresenta demarcações diferenciadas ao longo da história e deve levar em conta os estilos de vida. Como apontado por esse autor, um homem de quarenta anos do século XIX era visto como um velho, enquanto nas sociedades industriais do século XX encontra-se recém-saído da fase de juventude, considerando-se as diferenças no estilo de vida.

Ser velho nas sociedades modernas passa a ter a representação muito associada à incapacidade para o trabalho. Contudo, e apesar das tentativas de positivação com mudança de linguagem, por exemplo, adotando os termos “terceira idade” ou “melhor idade” no lugar de “velho” ou “idoso”, o termo “velho” é reivindicado por especialistas por apresentar maior precisão e identificação, mesmo que seja menos respeitoso (BARROS, 2007).

Os homens aos quais faço referência neste artigo são oriundos de uma geração que acompanhou o processo de transformação discursiva das experiências sexuais. No aspecto geracional, destacam-se os momentos: o período que vai da ditadura até a abertura política, e o impacto da pandemia do

HIV/Aids<sup>2</sup>; a transição da perspectiva patologizante para uma de direitos no âmbito dos novos movimentos sociais; o processo de construção de um circuito de entretenimento gay nas cidades brasileiras; a evidência do evento da *Parada Gay*, que passa a dar visibilidade à sociabilidade, à homossexualidade; a luta por reconhecimento social e civil do emergente movimento de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). Em consequência, essa geração encontra-se no auge das mudanças sociais espelhadas em novos estilos de vida gay, com o crescimento do mercado de consumo, dos espaços de entretenimento homoerótico, das formas de lazer, das manifestações públicas e da reafirmação política de direitos sociais e civis. Assim, novas questões surgem para os indivíduos velhos e envolvem aspectos que se delineiam ao longo da carreira do homossexual, como a luta por afirmar a homossexualidade na trajetória de vida e sair de “dentro do armário”<sup>3</sup>.

Os entrevistados apresentam uma gama de fatos em que as lembranças de suas trajetórias de vida formam um conjunto de referências que caracterizam a sua geração. A ideia de geração se opõe à noção de um tempo linear, padronizado e fixado em etapas (MANHEIN, 1982). Essa perspectiva permite uma análise das narrativas sem deixar de levar em conta as reflexões sobre o curso da vida que focaliza o indivíduo como um agente no presente. A categoria geração nesse sentido permite, portanto, a compreensão de como os entrevistados reagem, engendram e adquirem valores, visões de mundo e estilos de vida, adaptada ou renovada, de que são produtos e produtores.

Nesse sentido, a criação da *Turma OK*<sup>4</sup> como espaço de homossociabilidade<sup>5</sup>, por exemplo, formada a partir da amizade de um grupo

---

<sup>2</sup> O surgimento dos primeiros casos no Brasil, em 1982, da Síndrome da Imunodeficiência Humana (Aids) originou um verdadeiro pânico pelo nível de desconhecimento sobre a doença na qual um resultado positivo eliminaria qualquer sentido de alongamento da vida. O cantor e compositor Cazusa, acometido pela Aids, chegou a dizer em uma de suas músicas que “o meu prazer agora é risco de vida”, como referência a ser um portador do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Do ponto de vista gramatical, ainda que se trate de uma sigla, a palavra “aids” passou a ser equivalente a outros substantivos comuns referentes a doenças (sífilis, conjuntivite). Contudo, ainda encontramos variação da sua escrita inclusive em textos do Ministério da Saúde. Por uma questão de padronização, neste texto, será utilizada para a sigla conjunta a forma HIV/Aids e Aids quando a palavra ocorrer isoladamente.

<sup>3</sup> A expressão “dentro do armário” refere-se ao momento em que o indivíduo não assumiu a homossexualidade e, mantendo-se isolado na sua posição, vez por outra, sai para vivenciá-la clandestinamente como uma prática sublimada. Assim, até o momento de aceitar a sua condição de homossexual, o “sair do armário” ou *coming out*, o indivíduo passa pelo duplo processo de integração: na comunidade gay e de afirmação pública, seja no âmbito da aprendizagem, seja como busca de estilo de vida (WEEKS, 1977; HART; RICHARDSON, 1981; POLLAK, 1985; VIEIRA, 2010; ALMEIDA, 2010).

<sup>4</sup> Na cidade do Rio de Janeiro, a *Turma OK* faz referência a um espaço cultural de encontros de indivíduos gays, lésbicas e simpatizantes e caracteriza-se por sua homossociabilidade ocupada por homens gays maduros. Além disso, a boate *La Cueva* também entra no rol de entretenimento desse perfil de homens, por mais que não se trate de uma unanimidade apresentá-los como espaços que correspondam às necessidades de suprir a carência de sociabilidade desses indivíduos e que não seja uma propriedade definida identificar esses espaços como destinados ou construídos para gays velhos.

<sup>5</sup> O termo homossociabilidade se refere ao sentimento de pertença a um lugar, a um grupo ou a uma coletividade, como fundamento para as experiências de sociabilidade homossexuais (MAFFESOLI, 2007). Ao utilizar os termos homossociabilidade e sociabilidade, refiro-me às distinções existentes entre o contexto das relações sociais entre gays e heterossexuais.

de homens, é lembrada como um fato importante, pois se trata de um ambiente que possibilitou vínculos sociais entre os membros e os visitantes, que passaram a compartilhar ideias, gostos e estilos até hoje experimentados. Ademais, a boate *La Cueva* também se acentua como um demarcador de experiências homossexuais para toda uma geração, assim como o calçadão da Cinelândia, como espaço de encontros de sedução entre homens de toda uma geração no Rio de Janeiro. A delimitação desses espaços na cidade, que permitiram encontros para investidas sexuais e realização de redes de amigos, também se evidencia como referência para a experimentação do lazer e diversão da homossexualidade na velhice de maneira menos rígida e livre de preconceitos. O que se explicita ao analisar essas narrativas é o contexto histórico, social e cultural em que os entrevistados assinalaram as mudanças experimentadas no âmbito do curso de suas vidas que possibilita alinhar o fio condutor entre sociabilidade e os modos como a sexualidade vai se construindo como uma maneira de ser.

Contudo, mesmo aqueles que atualmente não elegem a homosociabilidade como questão importante, a experiência de envelhecer é apontada como um acontecimento que não se percebe, uma vez que o sentimento de juventude permanece vivo, sendo a aparência e a degeneração do corpo, como assinalado por Beauvoir (1990), os marcadores que objetivam esse momento. Nesse sentido, envelhecer é traçado a partir de histórias sobre experiências que influenciaram os seus atuais estilos de vida. As poucas opções de sociabilidade atuais parecem demarcar a nostalgia do “bom tempo passado”, que refletia certa sedução mesmo em meio à clandestinidade, pois hoje a segregação da velhice se reflete, entre outras dificuldades, na obtenção de parceiros e na tentativa de se dar continuidade a novas relações.

Neste artigo, busco alinhar as questões relativas às rupturas, construções e desconstruções que aparecem nas narrativas dos entrevistados e que marcam a lembrança da infância, a trajetória da homossexualidade, além de algumas questões mais existenciais apontadas pelo processo de envelhecimento.

### **Marcas geracionais e as lembranças do passado**

As narrativas sobre as lembranças da infância registram a rígida construção das noções das representações de gênero transmitidas pela família, as quais informam o que um homem pode ou não fazer. Apontar determinado ato como pecado é também uma das maneiras encontradas pela sociedade

para exercer disciplinamento baseado na heteronormatividade e na assertividade masculina nos primeiros passos da educação dos meninos. Trata-se da socialização da diferença entre os gêneros, simbolicamente controlados dentro de um sistema que define o que é o masculino, o que “ele” tem que ser e fazer, aspecto ressaltado na infância de Francisco<sup>6</sup>.

Eu me lembro também de que, depois que nós viemos para o interior, fui morar com a minha avó. Ela era muito religiosa e dizia que menino não brinca de boneca, pois era pecado (Francisco, 72 anos).

Francisco também relata seu desejo de participar do ritual religioso de Nossa Senhora, prática legada às meninas. Tal aspecto revela o quanto a divisão sexual e a representação de gênero impõem o seu rigor no cotidiano, determinando aquilo que se pode ou não desejar, ainda que a regra possa ser transgredida.

Na minha infância, tinha as meninas que iam coroar Nossa Senhora, e só as meninas faziam isso, e eu cismeí com o fato de não poder coroar Nossa Senhora vestido de anjo. Minha avó, que fazia a roupa de anjo, era muito habilidosa. Na época, eu tinha um cabelo cacheado igual a um anjo, e eu dizia: Eu quero, eu quero, eu quero! Aí, minha avó enganou o padre, entendeu? E eu fui e coroei Nossa Senhora como se fosse uma menina. Esse fato marcou minha infância. Essa minha avó teve uma influência muito grande na minha vida, ela não batia muito bem da cabeça, mas eu gostava disso (Francisco, 72 anos).

O fato de as meninas, como anjos, serem as que coroam Nossa Senhora registra como as diferenças de gênero são naturalizadas a partir de efeitos simbólicos, sobretudo, nos traços distintivos dos corpos. A coroa deve ser levada pelos anjos representados pelas meninas, simbolicamente puras. Tal reconhecimento e legitimação fundamentam a concordância entre as estruturas cognitivas e sociais das diferenças de gênero.

Outro aspecto advindo de algumas lembranças narradas toma o corpo sexuado como sendo depositário de princípios que implicam a divisão de tarefas, trabalhos e cerimônias, sendo objeto de controle, no qual aqueles que se sentem com uma “sensibilidade diferenciada” são observados com mais atenção para que se direcionem maiores disciplinas. A diferença entre os sexos está na base dessa distinção da divisão social. Alguns entrevistados

---

<sup>6</sup> Os nomes dos entrevistados são fictícios.

evidenciam, em suas lembranças sobre a infância, o quanto os valores morais recaem sobre a divisão do trabalho (o que é próprio de homens e o que é próprio de mulheres; o que é para pessoas de bem e o que deve ser evitado), determinando quais atividades profissionais não são toleradas para os homens, questões acentuadas por Ricardo e Eduardo.

Na minha infância, eu tinha uma sensibilidade diferenciada e inclusive acho que foi muita maldade da minha família, pois eu deveria ter tido outro desabrochar profissional. Eu era muito ligado à dança, passava um tempo dançando, parecia balé. E meu pai chegou a me perguntar: – você está ficando louco? Eu sempre vivi essa ambiguidade. Dança era uma coisa de gay e, por isso, não se verbalizou. Eu era muito novinho e nem percebi isso na época, fui perceber na geração posterior. Na época, eu só consegui sentir um estranhamento (Ricardo, 60 anos).

Eu queria uma formação que mexesse com o corpo, tipo dança ou Educação Física, e muito com a arte. Na minha fase da escolha, eu queria isso. Mas a dança tinha aquela coisa de parecer com o homossexualismo, e a minha orientação foi praticamente cem por cento reprimida [...]. Eu fiz curso de teatro, meu pai era contra, aí eu fazia faculdade e fazia teatro ao mesmo tempo. Ele ficou doente e falei tudo o que eu achava do nosso relacionamento, antes dele morrer. Para mim foi maravilhoso! (Eduardo, 60 anos).

A masculinidade se delinea no processo que se impõe pela diferença e contraste com o feminino, ou de qualquer outro comportamento e atitude que se distingue com o que foi delegado simbolicamente a representação de ser mulher no universo da norma heterossexual, aspecto já amplamente debatido a partir da literatura feminista. As dificuldades daí advindas são inúmeras para aqueles que subvertem essa norma. Segundo Fraser (2001), todo homossexual vive a crise do heterossexismo, o que é corroborado por José (63 anos), quando afirma:

A homossexualidade me incomoda, incomodou, porque eu acho que a vida heterossexual é de certa forma mais fácil (José, 63 anos).

Evidencia-se o quanto a norma heterossexual é um peso para aqueles que ousam subvertê-la. Esse indivíduo é levado a tomar posições para se impor e se sobressair, buscando garantir um olhar mais positivo de si, numa luta contra o estigma impingido aos homossexuais em seu meio. Na análise de Goffman (1982, p. 25), “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão”.

Então, a tentativa de se sobrepor à consciência de sua inferioridade será buscar se definir como alguém que expresse aceitabilidade, pois nunca sabe como os outros vão percebê-lo ou aceitá-lo em termos do estigma que lhe é imposto. Os entrevistados, por exemplo, relatam as dificuldades no espaço do trabalho, em meio à construção de sua carreira homossexual.

Ser o melhor no meu trabalho foi uma estratégia para eu me impor. Na minha época você como homossexual tinha que ser o melhor em qualquer situação. Se você é cabeleireiro, você tem que ser o melhor cabeleireiro, se você é sociólogo, você tem que ser o melhor sociólogo, tem que ser sim, é a maneira das pessoas te respeitarem, porque ainda existe muito preconceito e pouco acolhimento (Marco, 60 anos).

Há momentos lembrados que foram vividos na juventude e narrados como marcantes historicamente. O que se delimitam são as experiências de toda uma geração, exemplificadas nas narrativas dos entrevistados que circunscrevem seus momentos, citados aqui por Antônio e Álvares sobre a morte de Getúlio Vargas.

A morte do Getúlio me marcou. Eu acho que deveria ter dez ou onze anos e me lembro que foi uma coisa que me marcou. Foi, assim, muito forte dentro da minha cabeça, depois fui entendendo politicamente o porquê. E, hoje, aos sessenta e cinco anos, eu vejo claramente a situação política da época e entendo melhor. Agora o movimento *hippie* me encantou e foi o que me despertou para muita coisa, aproveitei muito, pois aconteceu no auge da minha juventude. Essas foram as lembranças que mais me marcaram dentro da minha história (Antônio, 65 anos).

O registro do tempo relacionado aos acontecimentos históricos restaura a lembrança, em que cada fato interliga e estabelece conexões, muitas vezes esquecidas, mas reveladas no momento da entrevista, desenhando, desse modo, a trajetória da vida. Gagnebin (2009) assinala que essa análise sobre o fenômeno histórico é como ponto isolado salvo, formando uma “constelação” (tomando como metáfora as estrelas no céu, que recebem um nome quando um traço comum as reúne em forma de uma imagem).

A perseguição dos militares, as informações sobre as torturas na ditadura me marcaram muito. Na época, eu tinha um amigo homossexual que era comunista. Conversava muito com ele, era uma pessoa muito culta. Eu lembro que comprei pra ele um livro chamado *Nosso homem em Havana*. E ele foi preso, foram na casa dele e recolheram tudo o que ele tinha, cartas, livros e tudo. E eu

fiquei com medo se eles pegassem aquele livro e vissem a minha dedicatória e me pegassem. Nessa época, eu morava no interior, e vinha frequentar lugares gay aqui no Rio, isso foi em 1970 (Francisco, 72 anos).

Eu me lembro que a gente tinha o toque de recolher dos militares e foi nessa época que fui morar com meu companheiro. Isso me marcou muito, e a gente sabia pela televisão, e obedecia, e ninguém andava sozinho na rua. E, por isso, era muito marcante a reunião na casa das famílias. Todo gay que tinha um companheiro proporcionava essas reuniões. E quem era solteiro participava, era tipo um sarau (Antônio, 65 anos).

Quando eu tinha uns vinte anos, esse foi um momento forte da ditadura militar, mas eu passei ao largo disso. Depois, com o tempo, eles invadiam boates gay e essas coisas todas, mas eu só vim a saber pela TV, porque eu não frequentava esses lugares. Mas isso me oprimiu muito (Eduardo, 60 anos).

Em algumas narrativas, é possível analisar o quanto determinados acontecimentos proporcionaram sentidos simbólicos que influenciaram na formação de novas experiências. As perspectivas políticas criam adequações comportamentais que geram estilos de vida. Ao citarem o movimento *hippie*, demarcam a experiência de uma geração cujos gostos e comportamentos foram influenciados por esse acontecimento, aspecto lembrado por Ricardo, Marco e José.

Tinha o movimento *hippie*, aquele negócio todo, a permissividade que existia na época. Foi a coisa que mais marcou a minha geração, pois tinha a amizade colorida, que desapareceu, infelizmente, e aquilo era tão bonito. Era uma forma grandiosa de amar, e eu estou me referindo a um outro homem. Você não era obrigado a ter uma relação ou uma ligação direta com a pessoa. Eu tive um grande amor assim (Ricardo, 60 anos).

Eu vivi essa coisa *hippie*, os Beatles. Eu me lembro e isso me marcou, pois comecei a perder cabelo com vinte anos, na época dos Beatles, isso era horrível para aquela época (Marco, 69 anos).

Lembro-me que eu sempre sentia atração por homens cabeludos. Tinha essa fantasia, mas nunca transei com esses “caras” de cabelos grandes. Eu não peguei inteiramente a geração *hippie*, senti que a minha geração é mais dos Beatles (José, 63 anos).

A trajetória de vida é dotada de lembranças que registram situações coletivas comuns na dimensão histórica, as quais formam a experiência. Essas narrativas destacam as vivências nas quais, para cada indivíduo, a ação social oferta posições e descobertas, inserindo-se em movimentos mais amplos de mudanças coletivas, dos quais é parte e para os quais contribui na construção de estilos de vida. Nesse contexto, constroem suas carreiras homossexuais, aprendendo que seu ato desviante possui muitos sentidos cada vez mais apropriados, adaptados, expressando a maneira de viver. Para esses indivíduos, segundo Becker (2008, p. 41), a carreira organiza a identidade em torno de um padrão de comportamento desviante, mas somente “para aquele que segue um padrão de atividade homossexual durante toda a sua vida adulta”. É suficiente dizer que viver a homossexualidade provém de motivos socialmente aprendidos em que se interage com outros no âmbito de uma subcultura com mesma atividade.

Assim, acontecimentos históricos, que foram decisivos na constituição das subjetividades coletivas, repercutiram na vida dos entrevistados como um fenômeno geracional. As lembranças da infância, por outro lado, sublinham os sentidos dados à formação de sua homossexualidade no âmbito do que se busca e motiva socialmente. Além disso as experiências, em meio à repressão, ao controle, à vigilância, associados a um sistema de representações do masculino, deram o tom dos relatos e expuseram o dispositivo que se instala sobre a orientação sexual, vivenciada como um desvio. Nesse sentido, o despertar homossexual explicita questões que envolvem ritos, brincadeiras na infância, vínculos de amizade e o projeto de sair de casa, entre outros aspectos que envolvem a dificuldade de ser aquilo que se deseja.

## **A trajetória da construção da homossexualidade no curso da vida**

Os entrevistados revelam o impacto do processo de liberação sexual norte-americano no início dos anos 1970<sup>7</sup>, embora, no Brasil, estivesse no auge da ditadura militar. O enfrentamento dessa situação leva a adaptações

---

<sup>7</sup> Refiro-me ao movimento *hippie*, à insurgência de lideranças gays, principalmente em São Francisco, EUA, que invocam o ambiente até então relegado do “gueto” como espaço legítimo de manifestação política e homoerótica. Às revoltas gay, em 1969, desencadeadas por uma batida policial no bar *Stonewall*, na cidade de Nova York, tornam-se um símbolo de luta. *Stonewall* passa a ser considerado o nascimento do movimento contemporâneo do Orgulho Gay. Além disso, o impacto da descoberta da pílula anticoncepcional, uma década antes, um divisor de águas nas relações conjugais com o maior controle sobre a gestação e, consequentemente, maior abertura para as práticas sexuais. Some-se a tudo isso o surgimento, nessa década, dos encontros gays, das manifestações culturais, das expressões artísticas e da imprensa alternativa, que revelavam conteúdo reflexivo sobre a homossexualidade. Foi uma década marcada pela liberação dos costumes e pelo reconhecimento de estilos de vida homossexual, como uma prefiguração do avanço nos comportamentos e nas relações humanas. Assim, os anos 1970 marcam todo um conjunto experiências, nas quais o homossexual prova sua capacidade e seu poder de se fazer respeitar, explicitando uma nova arte de viver (POLLAK, 1990).

relacionais em meio ao aparato de controle e repressão política, exigindo estratégias de convivência no âmbito da vida pública e privada em diversos contextos da sociedade. A relação homossexual inclina-se sobre perdas sociais. Assim, a vida amorosa com mulheres passou a ter novos significados, como encobrir ou amenizar o sentimento de vergonha sofrido pelo desejo sexual direcionado a homens. Essa dimensão tem seus efeitos, como assinalado por Eduardo e Álvares.

Tive uma mulher que ficou muito tempo na minha vida [...] e foi ela que ficou tapando o sol com a peneira. [...] Então namorava mulheres e tinha relacionamento homossexual ao mesmo tempo. Era clandestino [como homossexual]. Mas eu inseria o cara no meio dos meus amigos. Era clandestino na minha cabeça, não era clandestino esconder de ninguém. Eu dizia para as pessoas: esse é meu amigo! Isso era difícil, pois ele [o parceiro] tinha ciúmes [...]. Mas, naquela época, a repressão era muito grande, e as mulheres também se preservavam. Com as namoradas, eu não fazia sexo com elas, ficava só nos carinhos, aquela coisa toda, não chegava aos finalmente (Eduardo, 60 anos).

Eu me casei com uma colega da faculdade de Letras, colega de turma, só que eu já tinha tido experiências homossexuais... (Álvares, 75 anos).

Tratando-se de uma geração que se relacionou com o mesmo sexo em um contexto de autoritarismo político e de intolerância no qual a homossexualidade se associava à condição de crime e à doença, os entrevistados viveram as relações heterossexuais para atender às expectativas sociais e familiares construídas sobre a ideia de masculinidade fundada em estereótipos de gênero. Assim, a carreira homossexual se apresenta permeada por realidades contraditórias, através das quais se aprende a não se revelar, e, aos poucos, através da sexualidade, a entender “quem se é”, aspecto lembrado por Ricardo e José.

O que marcou a minha vida foi a percepção de duas coisas: primeiro, que eu precisava não só de aventuras homossexuais, eu precisava enveredar por um amor homossexual, e, em relação a ela [mulher com quem se casou], eu não tinha esse amor, amor mesmo. A questão sexual era menor, mas tinha importância, porque eu também gostava de transar com ela (Ricardo, 60 anos).

Na minha rua, naquela época [da adolescência], era quase proibido ser homossexual. Então, a pessoa sabia que a outra era homossexual e já via com outros olhos, já achava

que era um marginal. Eu acho que eles tinham mais medo de um homossexual do que de um bandido. Era como eles falavam: homossexualidade é uma doença que pode contagiar alguém da minha família. (Manoel, 65 anos)

O constrangimento com a própria homossexualidade, muitas vezes, suscita as dúvidas em relação a si mesmo e a obrigação de justificar a diferença. A consequência é o enfrentamento das muitas crises existenciais que aparecem na gestão da vida individual, porém não sem gerar situações paradoxais, entre as quais, o cumprimento social do casamento heterossexual se verifica como uma realidade para os homens dessa geração.

Eu fazia Direito nessa época, me formei e me casei. E me casei com uma mulher, mas minha mulher sabia que eu era homossexual, mas isso não era problema, ela me amava, gostava de mim e eu, naquela época, acreditava que isso era possível (Ricardo, 60 anos).

Tive uma namorada em São Paulo, uma coisa muito passageira e não era uma coisa verdadeira. Com ela, descobri que a relação heterossexual não era a minha praia. Mas isso eu sempre achei desde criança, que sentia atração por meninos (Roberto, 78 anos).

A violência simbólica contra a homossexualidade ancora-se muitas vezes nessa dimensão de poder do heterossexual sobre o homossexual. Nesse sentido, o indivíduo trava uma luta contra si mesmo a fim de se situar em um espaço social preconceituoso, que gera sentimentos de vergonha, sensação de permissividade, sujeira e transgressão.

Eu comecei tarde [a ter relações homossexuais], porque eu era muito reprimido. A primeira relação [com homem] foi com uns vinte e poucos anos, vinte e três anos. Foi com um ator de teatro, falecido hoje em dia. Um ator até conhecido na época. Eu o conheci num ensaio em que eu estava presente, aí ele se aproximou de mim e ficamos amigos, ele era uma pessoa muito inteligente, e fui a casa dele. Essa relação foi muito chocante para mim, porque eu voltei para casa me achando sujo, fui logo tomar banho, e fiquei horas no banho. Nunca mais quis ver a pessoa na minha vida, engraçado isso!! (Eduardo, 60 anos).

Com dezoito anos, comecei a ter relação com homens, mas com muito receio. Eu mesmo tinha o preconceito. E aí a minha primeira experiência [sexual com homem] foi ainda aqui no Brasil, foi de repente. Tomei coragem, o cara me olhou e eu fui. Foi uma experiência sem afeto nenhum,

totalmente sexual, sem beijo, sem nada. Cheguei em casa, toquei a companhia e a minha mãe abriu a porta e eu morri de vergonha (José, 63 anos).

Algumas narrativas demonstram as formas como eles são confrontados pela experiência heterossexual, cuja prática se reduz à ação em torno da penetração. No contexto em que as relações sexuais com as mulheres são experimentadas, o desejo parece se revestir da necessidade de provas de masculinidade que venham encobrir o desejo homossexual e o sentimento de estar em desvio.

Eu tive experiências com mulher, porque tinha a necessidade de gozar em alguém, mas não tinha coragem com um homem, pois na minha cabeça eu era o único homossexual de toda a geração dos meus colegas. Tinha uma coisa na minha cabeça imatura que a homossexualidade era uma coisa de travesti. Eu sabia de meu desejo, mas não expressava. Na época, tinha o preconceito do meu pai, tinha medo de ser rejeitado. E eu tinha os meus amigos, e eu não era um menino, digamos, feminino, praticava esportes, não tinha nada gestual de um gay... (José, 63 anos).

Eu já tinha clareza de que tinha tesão por homem, mas guardava uma dúvida entre a parceria dos meninos de rua e tentar uma namorada. Então, tinha uma namorada, transei com a namorada e vi que não era o que eu queria, mas, mesmo saindo com os garotos, tive uma namorada, porque achava que ser gay era o mesmo que ser mulherzinha (Antônio, 65 anos).

Está posto para esses indivíduos que ser homossexual gera o sentimento de inferioridade e, muitas vezes, leva ao desprezo para com outros gays, com os quais não conseguem identificar-se. Mas a percepção de se poder viver um estilo de vida gay satisfatório adaptado às normas sociais torna-se, aos poucos, aceitável, como demonstram as narrativas de Luis:

Tenho um amigo que é jornalista, formado, é bem badalado, é conhecido e ele é uma pessoa totalmente insegura na questão da homossexualidade dele, na mentira do grupo dele, em todos os sentidos. Isso me irrita! Agora eu acho que não tem necessidade de ir aos quatro ventos e escrever na testa: eu sou homossexual! Eu acho que não há necessidade disso! Entendeu? Eu acho que a minha homossexualidade estava comigo desde garoto, mas pela criação tentei não ter uma vida homossexual, até por causa

da família, então, os conflitos vieram até eu me encontrar na homossexualidade, que foi após a crise dos meus três relacionamentos, relacionamentos mesmo e não aventuras. Então, eu sou uma pessoa tranquila, por ter me encontrado (Luís, 68 anos).

A elaboração da identidade gay, a partir de um atributo que é desaprovado, ou seja, a associação com o aspecto feminino, passa a exigir respostas para as maneiras como se posicionam e são aceitos em seu meio social. A recusa em se identificar com a representação gay/mulher/feminino leva, inclusive, à vida secreta, que sinaliza certa proteção do verdadeiro desejo sexual. Segundo Fernando:

Muitos acham que assumir é sair pela rua gritando, “dando pinta”, miando. Eu acho que não! A homossexualidade, o sexo, não tem nada com o caráter feminino, mas com a postura de cada um. E você pode ser conforme quiser e pagar o preço [...]. Nós temos uma opção sexual e, no entanto, temos que nos respeitar diante a sociedade. Não é você sair por aí gritando, rebolando, dando pulinhos, não! Eu também não faço, veja só, eu não recrimino, de repente vai dar a impressão de que eu estou com preconceito, preconceituosamente contra essa gama de pessoas, não é isso, eu acho que você, para ter uma opção sexual, não é ter determinadas maneiras de ficar demonstrando aquilo que não tem nada a ver, vou ficar levantando bandeira. Eu, por exemplo, não levanto bandeira de nada, eu ajo normalmente e vejo o que é viável (Fernando, 65 anos).

Esses homens, ao se aceitarem como homossexuais, descobrem que são alguém de quem se dizem muitas coisas, o que acentua a postura do que deve ser um “homem” e o que significa sua distinção. Os entrevistados se veem como objetos dos olhares de censura e curiosidade dos outros e, também, como alvo dos discursos que demarcam o estigma com base na classificação e na polaridade heterossexual/homossexual, masculino/feminino. A associação do gay ao travesti, lembrada pelo entrevistado, aciona a percepção dos homossexuais masculinos aprisionados pela dicotomia estereotipada entre masculino e feminino, sendo o feminino sua representação estigmatizante. Para Bourdieu (2008), trata-se de se perceber como é imposto um sistema de classificação dominante a partir de um traço estigmatizado, que por sua vez fornece a esse sistema o conteúdo mais adequado para isolar e definir o que se afirma, o que ele tem e é. Na fala de Luís abaixo, é salientado o aspecto que ele despreza sobre a visibilidade homossexual, ou seja, o jeito estigmatizado do homem feminino.

Mas eu acho que você tem que defender a homossexualidade pra você respeitar os outros, pra você ser respeitado. O que vejo hoje em dia, como eu via antigamente, um *viadinho quá-quá*, fazendo coisas, uma dondoca, um travesti e tudo mais, mas eu acho que isso só agride, não tem necessidade disso! Qual a necessidade de eu estar declarando aos quatro ventos o que eu sou? (Luís, 68 anos).

A necessidade de aprender com quem se pode relacionar sexualmente e em que espaços é permitido deixar transparecer afeição e desejo por outro homem é um dos traços comuns nas trajetórias narradas. Na análise de Eribon (2008), o homossexual constrói certa conduta adaptada por ser percebido socialmente pela marca da diferença, o que muitas vezes o obriga a confrontar-se com o seu próprio desejo em manter suas relações. Segundo Goffman (1982), trata-se de um aspecto daquele que se sente, de alguma forma, com um estigma e reage buscando estratégias para se posicionar no espaço social, aliando-se a outros que sofrem da mesma marca. Assim, a busca dos meios possíveis para fugir da violência faz com que muitos indivíduos com desejos homossexuais migrem para outras cidades e meios urbanos fora do seio da família. O deslocamento espacial e geográfico tem amplo significado simbólico e prático, pois permanecer no lugar de origem é estar sujeito aos controles morais heterossexistas. Francisco relatou a respeito de quando morava em uma pequena cidade do interior:

Tinha medo de frequentar a noite lá. Só comecei a frequentar lugares gays aqui no Rio, em 1970. Eu vinha aqui nos finais de semana, foi nessa época que eu me assumi (Francisco, 72 anos).

Sair para se aventurar em outro território permitiu a Francisco alcançar a almejada individualidade, o anonimato e a liberdade longe dos controles disciplinadores da sexualidade manifesta dentro da norma heterossexual. Por outro lado, a mudança requer a construção de novas redes de sociabilidade, mais identitárias, que possibilitem a interação com outros sujeitos e o alargamento dessas identificações. Em outras palavras, ir para a cidade grande é um caminho que possibilita a construção de uma subjetividade junto a outros com os quais se possa relacionar em torno de valores e gostos similares. Esse dado, acentuado por Pollak (1990), demonstra que os grandes centros urbanos, com sua diversidade e modos de vida, asseguram o anonimato, a individualidade, e oferecem autonomia para que sejam experimentados novos estilos de vida. Os relatos de José e Márcio ilustram as possibilidades advindas da vida nas grandes metrópoles.

Fiquei quase um ano na França, aí quando eu voltei para o Brasil passei a andar em ambiente gay. Saí fora dos meus amigos de infância, adolescência e passei a frequentar pessoas, bares e boates gays, realmente até então isso não era tão confortável, depois até conheci um cara e tive uma relação (José, 63 anos).

Eu fiz uma faculdade na Austrália, uma faculdade de Inglês. Morei dez anos e meio na Austrália, foi lá que eu me deslumbrei [...]. Vi que aqui [no Brasil] é muito engraçado essa coisa de ser gay, lá fora é tudo diferente (Márcio, 65 anos).

Os entrevistados afirmam o quanto esse deslocamento pode significar a busca por uma homosociabilidade possível e a própria aceitação do desejo homossexual, sem ter de dissimulá-lo permanentemente (ERIBON, 2008). Portanto, não se trata de uma mera migração ou percurso geográfico em busca de parceiros sexuais, mas a tentativa de afirmar uma nova existência e afirmação da identidade sociossexual, como demonstram as narrativas de Eduardo, Ricardo e Luís.

No final da década de 70, em que eu fui trabalhar em São Paulo [...], morei com parentes em São Paulo e depois fui morar sozinho. Foi a minha libertação, me senti dono da minha vida. Quando voltei, fui morar com a família de novo, e não deu certo mais. Eu saía e a minha mãe estava na janela me esperando voltar e não estava mais acostumado com isso. Fui morar sozinho, comprei um apartamento, a partir daí, voltei a me aproximar da minha família, porque me tornei visita (Eduardo, 60 anos).

Eu era uma pessoa, depois da minha estada na França fui outro, tomei um banho de cultura. Quem me libertou foi a França, entendeu? Eu tive múltiplas experiências. Lá vivi uma época em que a gente aprontava tudo, se aprontava tudo, tudo se fazia, inclusive orgias e de tudo aquilo eu participei, porque era comum na época (Ricardo, 60 anos).

Mas eu me descobri [homossexual] aos dezessete para dezoito anos, porque entrei como comissário de uma companhia aérea com dezoito anos e eu entrei casualmente [...]. Aproveitei para viajar e era um ótimo salário na época e eu me descobri foi exatamente nesse período, em que eu conheci uma pessoa. Ele era pessoa muito calma, muito bonita até e a gente teve uma transação, aí, depois disso, eu tive vários relacionamentos, e realmente foi uma transação,

não um relacionamento. Como comissário, conheci outras pessoas e eu vim a ter muitos casos [homossexuais] mesmo (Luís, 68 anos).

As experiências relacionais com os homens aparecem, nas narrativas dos entrevistados, marcadas pelo deslocamento espacial e pelo princípio da rede de amizade com outros homossexuais, com os quais se estabelecem novas relações. O percurso da migração e a descoberta de novas redes identitárias demonstram a possibilidade de uma saída para a socialização com quem são compartilhadas experiências no contexto do mesmo desejo e manifestação sexual. O que há são maiores possibilidades de aprendizagem individual e coletiva sobre a homossexualidade, até que o indivíduo venha a identificar-se como gay; nesse processo, a identidade aos poucos vai se construindo como fonte criadora de estilo de vida (FOUCAULT, 1981).

### **Tecendo algumas considerações**

A homossexualidade e a velhice abordam situações geracionais cujos atores desta pesquisa ousaram subverter, buscando aos poucos maior aceitação social na cena pública da sociedade brasileira. Tal aspecto desperta um conjunto de complexas questões, por expor novos prismas de antigas discussões que merecem ser relativizadas conceitualmente, tais como: o moderno e o tradicional, o público e o privado, a masculinidade e a feminilidade, o novo e o velho, a juventude e o envelhecimento, o corpo e a idade. Ricardo (60 anos) destaca:

O mundo é heterossexual e o idoso tem uma necessidade física, uma carência física que não permite que o gay velho se rebelde. Quando ele era jovem ele se rebelou porque ele tinha tudo em cima músculos, mobilidade, dinheiro e outras coisas. Aí tem outra questão, que é a questão financeira, se ele é pobre [...], e tem a questão racial, pois se ele é negro aumenta o preconceito.

Para esses atores, o desejo homossexual na trajetória da vida expressa na experiência de envelhecer novas maneiras de identificação e atribuição social. As questões apresentadas na pesquisa apontam para as conquistas políticas por reconhecimento da diversidade, sem que se vislumbrem novos atores sociais, como, por exemplo, os gays velhos. Consequentemente, isso, numa ponta, inclui os espaços de homosociabilidade, mantendo o preconceito em torno desses indivíduos, e, em outra, faz realçar no espaço social certa “velhofobia”, palavra que acrescento ironicamente para esse contexto, mesmo que o sufixo “fobia” apresente uma carga de sentido essencialista.

Os sujeitos pesquisados em suas narrativas demonstraram o quanto ainda lutam para exercer a sexualidade, para reinventá-la, sem que suas performances públicas sejam alvo de chacota, injúria, objeto de riso frente à estética do corpo, cuja ideologia invisibiliza o velho e nega a velhice. Nesse contexto, afirma Márcio (65 anos): “Fui flor do campo, agora que sou tiririca do brejo, vão ficar rindo para mim, porque agora que já não estou mais com os meus vinte aninhos olham para minha cara e riem”.

Pude perceber que os amores homossexuais clandestinos frente à norma heterossexual formaram a marca dessa geração. Os entrevistados foram fortemente socializados a partir de mecanismos que naturalizam a sexualidade, tornando-a um princípio biológico e a heterossexualidade o único modo aceito para as relações sexuais humanas. Tal aspecto esteve associado ao sentido de que a sexualidade e a reprodução são como destino para os roteiros sexuais, que tiveram como suporte a ideologia patriarcal. Expressa-se com isso o quanto o discurso e as práticas sociais refletem o poder da representação do que é ser homem, tomando a norma heterossexual como um princípio. Esse contexto da construção do gênero masculino, que se generalizou nos afetos e nas percepções individuais, influenciou seus estilos de vida. Como homens, o enfrentamento e a transgressão a essa lógica heterossexista levou-os a apostarem na autonomia, nas práticas sexuais fugazes, na individualidade e a manterem suas experiências afetivas de modo clandestino, longe do recinto familiar.

Para esses homens, a velhice não trouxe a desistência de projetos e parecem guardar para si o tempo perdido por não terem se assumido como gays há mais tempo e gozarem da possibilidade de amar outro homem sem que fosse preciso se esconder. Alguns entrevistados ressentem-se justamente dessa falta de suporte comunitário e político para vivenciar sua sexualidade em outros domínios além do privado. José (63 anos) é taxativo ao afirmar que se pudesse voltar no tempo botaria a boca no megafone, ia assumir-se, viver os desejos mais abertamente, reforçando a percepção de que o segredo e a invisibilidade da experiência homossexual impõem maneiras de expressar a opressão sentida vivida por essa geração no espaço público; hoje, percebe-se a sociedade mais aberta às possibilidades de aceitação do estilo de vida gay. Mas o que traz de tão importante essa necessidade de revelar-se, essa recusa em resistir ao confinamento sexual, esse *sufocamento* pela ocultação quase permanente do desejo homossexual por parte de dos entrevistados? De fato, essa geração complexificou esse paradigma do “sair do armário”. Mas que “armário”? Para esses indivíduos, nem havia esse sentido de “dentro do armário” como metáfora para se esconder a homossexualidade, pois, como lembra Marco (69 anos), “naquela época não se usava isso de se assumir, mas eu não sou tão

ingênuo de imaginar que as pessoas não soubessem”. Nesse contexto, também afirma Raphael (68 anos): “Nunca entrei no armário, nunca saí do armário, não converso sobre isso, essa é a primeira vez”.

Através desse desejo de revelar a homossexualidade publicamente, pode-se perceber o caráter contraditório das mudanças ocorridas ao longo das gerações, em que as experiências sexuais passaram a ser um ícone para se pensar a diferença entre a norma e o desvio (MOTA, 2007). Essa necessidade de revelar e se assumir parece emblemática, pois demonstra o quanto a conquista de aceitação no espaço social tem possibilitado pensar as mudanças em torno do reconhecimento cultural de que nos fala Fraser (2001). Através dos relatos dos entrevistados, observa-se que há evidentes mudanças ocorridas ao longo das gerações que marcaram a experiência da homossexualidade hoje, nas quais, no entanto, a homofobia ainda se evidencia como um traço em um cotidiano marcado pelo heterossexismo e pelo preconceito, acrescido de suas várias roupagens distintivas, entre elas, o crivo da idade avançada. Mas o jogo do “assumir” ou “sair do armário” ainda implica ritos, registros e espaços diferenciados, já que a dificuldade nesse processo está em aceitar inicialmente esse “eu” homossexual, afastando o sentimento de ser uma pessoa em condição de desvio (VIEIRA, 2010). Contudo, trata-se de um debate em que as atuais gerações gozam dos avanços da micropolítica exercida por esses entrevistados, mas que agora eles mesmos passam, de novo, por uma situação de exceção ao enfrentar o sentido pejorativo que lhes reserva a identidade social de ser gay velho.

Esses homens não se percebem velhos, não aceitam a velhice como sendo o fim dos projetos de vida. Nesse sentido, para muitos, a alusão à idade é um insulto por identificá-los como idosos, pois “uma vez que em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros, e assim não consentimos nisso com boa vontade” (BEAUVOIR, 1990, p. 353). Portanto, não se trata de uma questão explícita do gay que envelhece. Mas o que é próprio do gay que envelhece? Novas dominações são sentidas e expressadas pela linguagem, que reabre para segregações equacionadas no espaço social pela idade madura. Esse outro de que fala Beauvoir (1990) também confere o sentido de decadência e desengajamento social em razão da condição gay.

O olhar dos sujeitos desta pesquisa sobre o espaço social revela as contradições para gozarem das lições aprendidas ao longo da vida. O envelhecimento para esses homens explicita o quanto são violentas as segregações distintivas representadas pelo crivo da idade e pela norma heterocêntrica das relações sociais que inviabilizam o reconhecimento social da diferença.

Essa geração mostra, além disso, como foi pioneira em suas escolhas, principalmente, quando se optou por firmar contratos de bens patrimoniais como garantia de suas uniões estáveis, em um momento que nem se aventava discutir a união civil como um direito dos homossexuais, aspecto lembrado por Antônio e Francisco. Mas além de viverem a experiência do movimento *hippie*, dos embates do movimento feminista, do afrouxamento das práticas sexuais convencionais, do efeito aterrorizador do HIV/Aids em seus primórdios tempos de “peste gay”, atualmente os sujeitos desta pesquisa revelam a experiência da ditadura da felicidade com registro no corpo e baseada no ideal de juventude. Através destas trajetórias observamos mais do que indivíduos que aceitam complacentemente a velhice como sendo um estado de vida em que baixam as exigências e os projetos, é a vivência da velhice como parte de um exercício para chegar a novas experiências relacionais, valendo-se dos recursos materiais que possuem.

Tal dimensão conduz a novos debates nos quais os entrevistados explicitam intensas negociações entre o sexual e o sentimental, o desejo e a prática para o exercício da sexualidade e homosociabilidade. Esta análise não implica perceber essas dimensões como separadas entre si, mas que, apesar de integradas, possuem certa autonomia no âmbito da experiência desses homens, por confrontá-los com os estigmas de ser gay e velho. Essas dimensões apresentam-se como importantes questões para se pensar o ser humano em geral na alta modernidade. Esses sujeitos expressam seus interesses afetivos no âmbito da ideologia do amor romântico, mas acabam por ter dificuldades em efetivar novos encontros por causa da aparência de idade avançada. Esses homens demonstram que não querem ser percebidos como um corpo desfeito, deteriorado, como se estivessem próximo do fim, mas sim sujeitos de experiências que podem contribuir efetivamente contra a homofobia, pela diversidade sexual e pela luta por cidadania. Querem seu lugar no campo da comunicação e mostrar o quanto podem reinventar as relações com o mundo.

É preciso destacar que a memória desses indivíduos conta a história da opressão, da violência familiar, do medo da transgressão do gênero masculino, da injúria direcionada à expressão da homossexualidade de que nos fala Eribon (2008). Tais questões se evidenciam quando se focalizam certos fatos na trajetória dos entrevistados e que marcaram toda uma geração: oito assinalaram ter pai autoritário, energético e disciplinador; quatro sofreram pressão/rejeição familiar; cinco somente viveram ou revelaram a homossexualidade para a família após a morte do pai; dez saíram de casa ou migraram para outras cidades para viverem suas relações homossexuais. Esses

sujeitos viveram no período da ditadura militar, em que, como no nazismo, muitos foram perseguidos e torturados sob a alegação de “subversivos”. Tais aspectos foram marcantes e desencadearam inúmeras lutas para a construção da carreira homossexual na trajetória da vida. Hoje, poucos usufruem, no âmbito da aceitação e do reconhecimento, de espaços sociais por causa de sua velhice. Levando-se em conta que em muitas sociedades modernas tem se desencadeado uma luta contra o preconceito aos velhos, pode-se destacar a falta de relacionamento familiar, a redução de círculos de amigos e a raridade de espaços de permanência para a homosociabilidade.

Há de se aprofundar muitas questões em novos estudos que acionem as sutilezas das influências de classe, gênero e etnicidade, levando-se em consideração as exigências da performance corporal gay na velhice. Agrega-se a isso o fato de não ter encontrado, nos espaços onde busquei os sujeitos desta pesquisa, indivíduos negros-gays-velhos. Além disso, o tema da violência aponta também para a necessidade de novas problematizações. Enfim, trata-se de ver junto a sujeitos pertencentes a outros extratos sociais o potencial de transformação que a homossexualidade e o envelhecimento facultam à sociedade. Notadamente, o projeto de vida reflexivo e crítico da experiência homossexual narrado pelos entrevistados mostrou as possibilidades de mudança de vida através de gerações como sendo uma força de subversão frente às necessidades de adaptação e construção de estilos influenciados pela norma e pelo desvio, pelo tradicional e pelo moderno, pelo público e pelo privado, possibilitando novas concepções e representações para as homossexualidades masculinas e as experiências de envelhecer.

## Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *A chave do armário: homossexualidade, casamento, família*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- ALVES, Andréa Moraes. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 357-364, set./dez. 2004.
- BARROS, Myriam Lins (Org.). *Velhice ou terceira idade?* estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.
- \_\_\_\_\_. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: \_\_\_\_\_. *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Gostos de classe e estilos de vida*. In: \_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Editora da USP; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Lins. *Velhice ou terceira idade?* estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2004.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.
- FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (Org.). *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty e J. Le Bitoux. *Jornal Pied*, n. 25, p. 38-39, abr. 1981.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- HART, JOHN; RICHARDSON, DIANE. **The Theory and Practice of Homosexuality**. Londres, Routledge & KeganPaul Ltd., 1981.
- MAFFESOLI, Michel. Homossociabilidade: da identidade às identificações. *Bagoas: Revista de estudos gays*, Natal, v. 1, n. 1, p. 15-26, jul./dez. 2007.
- MANNHEIN, Karl. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.
- MOTA, Murilo Peixoto. *As diferenças e os “diferentes” na construção da cidadania gay: dilemas para o debate sobre os novos sujeitos de direito*. In: Natal, **Bagoas: Revista de estudos gays**/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, V.1, n.1, jul/dez, PP. 191-210, 2007.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.
- \_\_\_\_\_. Processos diferenciais de envelhecimento. In: \_\_\_\_\_. *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004..
- POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.
- \_\_\_\_\_. A homossexualidade masculina, ou a felicidade no gueto? In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVA, Luna R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.155-168, jan./mar. 2008.
- SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana et al. (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a cidade armário: cotidiano lésbico e gay em espaço urbano. *Revista latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jul. 2010.
- WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, John; RICHARDSON, Diane. *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Coming out: homosexual politics in Britain from the nineteenth century to the present*. London: Quartet Books, 1977.